

A MÃO DE DEUS E A MÃO DO HOMEM: natureza e trabalho na formação social do Piauí escravista (Brasil, sec. XVII-sec. XIX)

Solimar Oliveira Lima*

Ao findar o século XVI, as terras do litoral do Brasil demarcavam o território da presença portuguesa nas Américas. A aventura atlântica havia assegurado à Coroa lusitana uma rota segura para o domínio das riquezas que unia três mundos a partir das casas comerciais europeias, da região Nordeste no Brasil e das costas da África. O mercado colonial de diferentes mercadorias e suas exigências de crescente acumulação provocaram, no Nordeste, o surgimento de uma atividade especializada inserida no sistema de produção do açúcar e que passou a fornecer com regularidade, à plantagem escravista, carne e animais vivos como meio de transporte e força motriz para os engenhos. Trata-se da pecuária nas fazendas de gado (Maestri, 1994: 89-93; Gorender, 1992: 427).

As fazendas expandiram-se sobremaneira para o interior, distanciando-se do litoral, adentrando, ocupando e povoando o sertão nordestino (Abreu, 1960: 63-128). A vastidão de terras por ocupar e as qualidades das terras, consideradas sem donos e propícias ao criatório, provocaram uma corrida ao desbravamento. A saga do boi nos sertões estava praticamente concluída no final do século XVII. A essa altura, o atual solo do estado do Piauí era partilhado com prósperas fazendas zeladas por poucos vaqueiros. As origens das fazendas se confundem com a gênese da formação social do Piauí, que se iniciou a partir do rio São Francisco, na estrada da travessia da parte de Pernambuco, e nas notícias da terra por coevos que descreviam as suas farturas e atraíam cada vez mais currais (Pitta, 1950: 243; Nunes, 1972: 92).

* Doutor em História/PUCRS, professor do Departamento de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí.

Tomando como referência narrativas de viajantes, memorialistas e diversas autoridades dos séculos XVII ao XIX, caracteriza-se o contexto ecológico das fazendas piauienses apresentado como condição fundamental para o criatório em razão da presença de pastos naturais e a reduzida necessidade do uso do trabalho. Nas descrições, em diferentes anos e estações, a natureza aparece ofertando todas as condições necessárias à principal base de acumulação - a reprodução do gado - , precisando apenas da vigilância do homem para intervenção eventual, constituindo-se, o criatório, um sistema automático. A ação humana nos campos voltava-se a organizar, em especial, o resultado da ação da natureza, como a separação de bezerros em fase de desmama, ou, em um segundo momento, para a formação de boiadas para o mercado. O trabalho humano aparecia como uma força imperfeita frente às forças naturais e era requerido sempre que a própria natureza, em desajuste climático, por cheias ou secas, impedisse a reprodução do rebanho. Nas imperfeições das forças naturais, intervinha, porém, a força humana corrigindo o curso da natureza.

O território da ocupação político-administrativa lusitana compreendido como sertão do Piauí, segundo a descrição do Pe. Miguel de Carvalho, de 1697 (Ennes, 1938: 370-72), estava situado «para a parte sul, no meio do sertão que se acha entre o rio São Francisco, e a costa do mar que corre do Ceará para o Maranhão, da qual dista pelo caminho sabido 80 léguas.» No nascente, encontravam-se «os sertões desertos que correm para Pernambuco pelos quais se não tem descoberto caminho nem se vadeam, em razão dos muitos gentios bravos que neles habitam»; no poente, «os matos desertos que correm para as índias de Espanha, pelos quais não há caminho nem se sabe de seu fim»; e no norte, «a costa do mar correndo do Ceará para o Maranhão para a qual tem dois caminhos, abertos ambos em ano de 95 um vai ao Maranhão, e outro a serra da Ibiapaba.» Ao sul, situava-se a principal rota de comunicação com o litoral nordestino. Dirigindo-se ao rio São Francisco, rumo à Bahia, contava-se com «dois caminhos com distância igual de 40 léguas cada um por entre matos desertos.»

Para o referido vigário, a terra era «abundante de pastos» e com «famosos rios», conforme a «Providência Divina», parecendo um ato «prodigioso.» Porém, um sertão deserto de presença humana, mais precisamente de colonizadores, haja vista não considerar «gentios bravos» gente. Aliás, o padre não considerava humanos os bravos, tampouco os mansos, muito menos os escravizados. No levantamento das 129 fazendas existentes no sertão do Piauí, segundo ele, todas visitadas, foram identificados os moradores pelas seguintes categorias: Homem (para o colonizador, branco encarregado ou proprietário da fazenda), Negro (para

o escravizado, trabalhador da fazenda) e Índio (para o «gentio» antes bravo, trabalhador da fazenda). Em cada fazenda, em regra, havia a presença de um Homem e um Negro, às vezes um Índio. Curiosamente, segundo o religioso, os moradores eram «almas», isto é, haviam passado pelo sacramento do batismo (Ennes, 1938: 376).

O reduzido número de braços nas fazendas estava associado à percepção - e discurso reproduzido - de que a abundância natural bastava. Sem pudores, quase um século após o início do processo de ocupação, o autor anônimo (supostamente João Pereira Caldas, primeiro governador do Piauí) do «Roteiro do Maranhão a Goiaz pela Capitania do Piauí», de 1760, sintetizou, com as seguintes palavras, o sentido do trabalho humano nos novos domínios nos sertões piauienses:

[...] abertos e cheios de campinas [...] Não há neles aquele horroroso trabalho de deitar grossas matas abaixo, e romper as terras a força do braço, como sucede nos Engenhos do Brasil, nas Roças das minas, e por este mesmo Estado do Pará, e maranhão na cultura dos seus gêneros. Nele pouco se muda na superfície da terra, tudo se conserva quase no seu primeiro estado (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1900: 88).

Fortalecia-se, assim, a construção social de uma sociedade de pouco esforço. As condições naturais apareciam como determinantes para o estabelecimento das propriedades. Buscavam-se terras próximas a mananciais, com pastos bons e disponibilidade de sal. Estes requisitos eram indispensáveis à reprodução do rebanho. Esta necessidade estruturante do criatório do início do processo de ocupação do Piauí manteve-se pouco alterada ao longo dos séculos seguintes. A marca das fazendas pastoris foi utilizar a natureza como uma forma determinada de objetividade em que o trabalhador a encontrava pronta e acabada como condição material da produção. Nada custavam as forças naturais incorporadas ao processo produtivo. Para consumir produtivamente as forças naturais, não se necessitava de nada criado pelo esforço humano (Marx, 1984: 423-40).

Contudo, pelos sertões, podia-se encontrar uma diversificada vegetação que se mostrava no segundo semestre do ano, muitas vezes adversa ao criatório e à própria presença humana. As descrições do governador João da Maia Gama, de 1728, registram o trajeto percorrido do Maranhão à Vila da Mocha [atual cidade de Oeiras, no Piauí] em pleno período considerado verão (Martins, 1944).

Em 15 de setembro daquele ano, Gama iniciou o trajeto em solo piauiense, percorrendo uma várzea com grandes pastos mimosos, embora estivesse «tudo

seco», até a fazenda Várzea Formosa. O percurso levava à fazenda Maroti, onde havia «boa água e algum pasto para os cavalos», seguindo pela fazenda Berllengas - «nesta, há um sítio com uma fonte de água corrente» -; fazenda Rodiadouro, que possuía «duas baixas com grandes pastos e terras boas para mandiocas»; fazenda Roça, com «boas terras em que tem canas e mandioca, e legumes e boa água corrente e bem povoada de gados»; e fazenda Tabua, «com boas varzeas e bem povoada de gado.» Desistindo da visita à aldeia dos Aroazes em razão de ferimentos dos cavalos, o governador buscou as margens do rio Sambito em direção à Fazenda Varzea do Mel, passando pela fazenda Tigre, fazenda Gado Bravo, fazenda Furtalhe a Volta e fazenda Cana Branca, tendo atravessado «serras escabrosas e de muita pedraria», seguiu para o rio das Talhadas, onde não encontrou pastos, indo se aquartelar duas léguas após, em um alto, que «tinha pasto bravio e seco e na baixa entre grandes pedrarias e de grandes cavidades que ali fazia o mesmo rio das Talhadas onde havia poções de água de que nos servimos para nós e para os cavalos.» No dia 3 de novembro, após passar o rio Canindé e mais fazendas, o governador chegou a Oeiras (Martins, 1944: 14-18).

Nesse período seco, mesmo as fazendas que possuíam mananciais demandavam cuidados. Parece pertinente salientar que nas propriedades nem toda terra se constituía como campo e nem todo campo dispunha do conjunto de condições naturais ao criatório. Um campo com boa pastagem deveria, como dito, também possuir ou facilitar o acesso a mananciais. No século XVIII, houve um processo crescente de pressão sobre as terras que levou à ampliação de fazendas e à incorporação de áreas ao processo produtivo sem as fertilidades naturais, sendo, pois, áreas mais suscetíveis a privações na época do verão. Em regra geral, para o conjunto de fazendas no período não chuvoso, fazia-se necessária a intervenção humana. Na segunda metade desse século iniciou-se um processo de registro do trabalho e de suas necessidades nas propriedades.

Onde a natureza acarretava certas dificuldades, frente à expansão do território de domínio demarcado cada vez mais por grandes propriedades, o trabalho humano era chamado a corrigir as falhas e imperfeições do trabalho de Deus. Contudo, a função da mão humana não era a de alterar a natureza; pelo contário, o trabalho humano deveria apresentar uma suficiente disciplina a adequação e subordinação à natureza, sendo empregado de forma limitado e acessório. Surgia, como parte indispensável, a infraestruturas que derivava da força humana, que integrava de tal forma o processo produtivo que continuava a prevalecer a característica natural do pastoreio.

O trabalho humano concretizava-se, por exemplo, em currais, vaquejadouros e aguadas. «Vaquejadouros», para que o gado se deslocasse pelos campos, chegasse às reservas naturais de água e fosse conduzido, quando necessário, com segurança aos currais. O vaquejador, às vezes, conduzia o gado a uma «aguada», «cacimba» ou mesmo a «alguns maus açudes, a que chamam tanques nos quais em algumas partes represam as águas» ou a outras águas conservadas em tanques feitos por indústria dos habitantes, com muito trabalho e moléstia» (Mott, 1985: 61; Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1900: 82). Os mananciais eram conservados com limpezas periódicas para que se evitasse o esgotamento. O mesmo acontecia com os vaquejadouros, em que a limpeza «em tempos oportunos» mantinha dominado o crescimento de plantas, embora a passagem contínua das reses, por si, já contribuísse para impedir o florescimento de vegetação.

O trabalho em infraestrutura, embora requerido, era visto como uma excessão, como um esforço aleatório que não fazia parte da rotina do pastoreio. Resultantes de tarefas que exigiam força física, as instalações foram desvalorizadas - e com elas o trabalho humano nelas realizado, frente a uma idealização do trabalho nos campos. Nestes, o trabalhador era visto como «folgazão» e o trabalho, embora considerado «áspero», distante de um «trabalhado pesado» como realizado em outras regiões do país. Não sendo o trabalho uma «condição da economia», vigorava o emprego acidental de força muscular e um estilo de vida «rude», porém, «em perpétuo idílio com a natureza selvagem» (Nunes, 1974: 241; Porto, 1974: 144).

No século XIX, foram fortalecidas as leituras sobre a importância da natureza para o processo produtivo e também apareceram os primeiros registros sobre o processo de domesticação de plantas silvestres como elemento favorecedor da vida nos sertões. Neste contexto, a paisagem natural do trajeto de Pernambuco a Oeiras (no Piauí) foi densamente retratado em 1822. Os alemães Johann Spix, zoólogo, e Karl Martius, médico e botânico, percorreram o caminho partindo de Registro do Juazeiro [atual Petrolina], sendo este o principal mercado de comercialização de gado com a Bahia (Spix y Martius, 1938).

Os viajantes, em final de abril daquele ano, indicaram que, em razão do inverno, evitaram seguir pela «estrada das boiadas» nas imediações de Registro. Durante o caminho, eles perceberam:

[...] quanto mais nos afastávamos do rio [São Francisco], tanto mais desigual se mostrava o terreno, compridos fossos atravessam-no em muitas direções.

Durante os transbordamentos, enchem-se eles, como sangradouros, e são também revestidos da vegetação marginal do alagadiço; espinheiros e trepadeiras, densamente entrelaçados. Já encontramos aqui e acolá esses fossos cheios de água da chuva, e mais de uma vez tivemos de transpô-los com grande risco de encharcar toda a carga. Nos sítios, onde o terreno se abria entre as vargens fechadas de mato, alegrava-nos o aspecto das campinas viridentes, que se distinguiam de todos os outros campos tanto pela cerrada igualdade do tapete viçoso de relva, quanto pela delicadeza dos tenros talos glabos, como nunca havíamos encontrado igual. A gente do lugar chama-os de campos minosos, e utilizam-se deles para pastos de suas numerosas boiadas. Entrávamos, pela primeira vez, no distrito de criação de gado, que, de certo modo, deve ser considerado a Suíça do Brasil (Spix y Martius, 1938: 209).

Os viajantes perceberam os contrastes das condições físicas e do clima da região. Suas descrições, segundo eles, pautam-se nas observações pessoais, em «narrações singelas de diversos vaqueiros» passadores de boiadas para Pernambuco e nas informações do arquiteto, morador de Oeiras, capitão Matias José da Silva Pereira, que «por suas múltiplas viagens por toda parte desse território, adquirira grande conhecimento dos lugares» (Spix y Martius, 1938: 211). Estas fontes indicam que a temperatura

[...] nesta terra montanhosa continental, é mais instável; o céu é menos puro e desnublado; a chuva e o sereno são mais abundantes do que na região da encosta oriental. Começa o tempo das chuvas, não no mês de setembro, como acontece no sul nas províncias próximas do mar, mas em janeiro, e dura até abril. Nesse período, tudo verdeja e floresce com exuberância; porém, durante os meses de agosto até dezembro, a terra se torna uma planície esturrada, morta. Este clima estende-se, assim como a natureza do solo, sua causa, a oeste da chapada do Ceará, também para o norte da província do Piauí. Chamam os sertanejos, tanto a esse clima, quanto à vegetação que lhe é peculiar, de agreste, e contrapõem-lhe o chamado mimoso [...]. Ademais, sofrem estas regiões, tanto a agreste, quanto a mimosa, de grandes secas periódicas, como costuma acontecer de 10 em 10 anos, quando o tempo da chuva não chega de todo ou só pouco. A terra rasga-se então em grandes fendas, a vegetação morre completamente, os animais do mato e numerosos rebanhos são vítimas da fome e da sede, e os habitantes são forçados a exilar-se (Spix y Martius, 1938: 211).

Na viagem, os naturalistas constataram diversas alterações das condições geológicas. Spix e Martius (1938: 213) notaram a presença de um «barro duro, frequentemente vermelho-tijolo» misturando a fragmentos de quartzo, de cores cinza-azulado, preto e avermelhado; e ainda a existência de grandes jazidas de ardósia, cálcicas, de cor lilás-clara. Na fazenda Serrinha, após passarem entre caatingas e hospedaram-se «embaixo de um grande e frondoso juazeiro», eles seguiram por um

[...] vasto planalto, cuja vegetação de cerrada caatinga se transformou gradativamente em campos abertos de feição em extremo encantadora. Finas gramíneas e as flores da vegetação dos campos mimosos cobriam o solo de areia branca, e variados grupos de Cactos, Acácias, Mimosas, Bauínias e Combretáceas, transformavam a região num verdadeiro parque inglês (Spix y Martius, 1938: 213).

Ao norte da fazenda Serra Branca, «graciosamente situada na encosta da montanha de igual nome», Spix e Martius (1938: 217) constataram a mudança da vegetação, de mimoso para agreste. Os mesmos indicaram ter passado por campinas alternadas por caatingas e, após a fazenda da Cachoeira, entrar «nos belos campos de Santa Isabel» repletos de arbustos, carnaubeiras e de juazeiros frondosos, em cujas sombras descansavam os rebanhos.

A «linda» região contava ainda com «diversos açudes» e com a presença de «inúmeras» garças, mergulhões e patos. Na fazenda Poções de Cima, Spix e Martius (1938:217) constataram ainda «morros cobertos de vegetação baixa cerrada» e jazidas de pedra calcária. A região próxima à fazenda era repleta de carnaubais que ocupavam terrenos «mais baixos de várzea, pantanosos, e as margens dos riachos e dos açudes». Na fazenda do Bom Jardim, eles encontraram uma formação de colinas espalhadas e alguns montes altos por onde «corre o rio Canindé». Ao longo deste rio, atravessado várias vezes, os viajantes passaram pelas fazendas públicas da Inspeção Canindé - Poções de Baixo, Campo Grande, Castelo, Brejo e Ilha.

A região era dominada por «arbustos ralos» e carnaubeiras em «majestosos bosques». Seguindo o curso do rio Canindé, destacava-se a vegetação agreste, com gramíneas, jacarandás e buritizais. Os viajantes chegaram a Oeiras atravessando «muitos outeiros baixos, achatados no cume ou apresentando encostas em terraços cobertos de moitas espessas» (Spix y Martius, 1938: 217).

O viajante inglês George Gardner (1942), médico e botânico, em passagem pelo Piauí em 1836, descreveu duas rotas de comunicação com a Província e sua

capital. Em janeiro, ele saiu de Crato, no estado do Ceará, percorrendo os grandes distritos do gado até Oeiras. De lá, em razão de conflitos no Maranhão, por onde pretendia viajar para o Rio de Janeiro, o inglês resolveu seguir para o sul, alcançando a Corte via Minas Gerais. Para o Rio de Janeiro, o percurso foi realizado saindo de Oeiras para a vila Parnaguá, ainda no Piauí, de onde seguiu até as montanhas das minerações. Nos dois percursos, do Ceará para o Piauí e do Piauí para Minas Gerais, vários foram os registros das diferentes paisagens.

No primeiro trajeto percorrido por esse viajante, um pequeno lago indicava a divisa entre o Ceará e o Piauí. A região, próxima à fazenda São Gonçalo, mostrou-se inicialmente «quase plana e sofrivelmente coberta de matas»; após léguas por terreno arenoso, encontrou a fazenda Lagoa Comprida, situada às margens de uma lagoa que lhe dava o nome, medindo «quatrocentas jardas de comprimento» [cerca de 360 metros]. A jornada seguiu pela fazenda Corumatá e por «péssimos caminhos» marcados por «blocos de granitos» e «porções arenosas», chuvas e enchentes até a Fazenda Canabrava, partindo, em seguida, para a fazenda Boa Esperança, de propriedade do Pe. Marcos de Araújo Costa (Gardner, 1942: 199). A fazenda, segundo o viajante

[...] era das maiores que eu visitará no Brasil e nela estavam para mais de cinco mil cabeças de gado, além de centenas de carneiros. Embora sujeita esporadicamente a longas secas, como todas as outras do sertão, há todavia nesta fazenda água abundante durante o ano todo, mesmo quando não chove por mais de doze meses a fio. O rio corre a pouca distancia da casa e, conquanto apenas tenha água na estação das chuvas, dele se obtém em todo o tempo abundante suprimento de liquido, graças a uma sólida represa nele construída em lugares onde as margens são um tanto elevadas e rochosas de ambos os lados» (Gardner, 1942: 199).

Gardner (1942:200) constatou ainda outras vantagens para o êxito da Boa Esperança. A fazenda estava localizada, assim como «toda a parte oriental da Província», no chamado «Sertão Mimoso», área distinta das zonas central e ocidental caracterizadas como agreste. Segundo Gardner (1942: 200),

[a] vegetação dos sertões mimosos caracteriza-se em primeiro lugar pelo fato de serem as florestas da natureza chamadas caatingas. São as florestas que perdem a folhagem na estação da seca. É de notar que produzem botões como outras árvores decíduas; mas, se acontece de aqui não chover, podem passar anos sem dar folhagem. Em segundo lugar, como foi corretamente

assinalado por Von Martius, a vegetação geral dos campos mimosos distingui-se pela delicadeza da fibra, rigidez das folhas e presença de pêlos, espinhas ou puas e sucos leitosos, especial e freqüente. A grama dos pastos é pela maior parte geralmente de um verde mais vivo, e de folhas mais flexíveis que a dos campos agrestes, O gado criado no sertão mimoso engorda logo após as chuvas e sua carne é muito mais apreciada que a dos que se alimentam nas rudes pastagens dos distritos agrestes (Gardner, 1942: 200).

Após pernoitar em Jaicós, Gardner (1942: 228) atravessou uma serra «bem plana no topo», coberta de vegetações que «crescem em alguns pontos com densidade tal, que se tornam quase impenetráveis». Nas proximidades da Fazenda Santo Antônio, ele encontrou «uma floresta de carnaubeiras» com «várias lagoas», seguindo-se mata virgem com «vegetação baixa». A região continuava plana até as proximidades da fazenda Retiro, situada às margens do rio Guaribas, um dos maiores vistos. Gardner (1942: 228) seguiu pelas fazendas Boqueirão, Canabrava e Canaveiras até as margens do rio Canindé, na passagem de Dona Antônia. Após a travessia e passando por uma «arenosa planície coberta de pequenas árvores e belos arbustos floridos», chegou a Oeiras.

Gardner permaneceu quatro meses em Oeiras, de onde seguiu, em julho, sua «penosa e cheia de tédio» jornada por terra, pelo sul do Piauí, ao Rio de Janeiro (Gardner, 1942: 229). Cerca de duas léguas da Vila, encontrou

[...] uma bela região de cenário variado e semelhante a um parque. Aparecem vastos tractos de planícies a que dão o nome de chapada, com matas raras de árvores de cajú (*Anacardium occidentale*), jatobá (*hymenoea*), paraíba (*Simaruba vesicolor*), e a folha larga (*Salvertia convallariodora*) - belas árvores de grandes folhas e vergonteadas de flores delicadamente perfumosas» (Gardner, 1942: 229).

Ainda próximo a Oeiras, o viajante passou por diversas fazendas públicas até chegar aos campos agrestes. Conforme sua descrição, os campos

[...] são em parte abertos, em parte cobertos de mato; os abertos cobrem-se de ervas perenes e grosseiras e não são de todo despidos de árvores, mas as que há são todas mais ou menos decíduas, com exceção de uma só que é verdadeiramente sempre verde, uma espécie de *zizyphus*, conhecida pelo nome de joazeiro, não é grande, mas tem ampla ramagem e dá excelente sombra, da qual por vezes nos valem durante a calma do dia. Também o gado gosta da sombra amiga desta árvore, bem como do doce fruto carnosos,

do tamanho de uma pequena cereja, que ela dá em grande quantidade e que, quando maduro, cai ao chão. O fruto, que se chama jóá, também comem os habitantes. Muitas árvores destes tractos têm aspéto estiolado, com ramos nodosos e tortos. Por vezes se encontram nos campos agrestes paus de grande extensão, onde crescem apinhadas as palmeiras do buriti, com fruto doce, que é o principal alimento das três espécies de araras que em bando as frequentam [...]. Muitas das chapadas, onde o solo é de argila vermelha, são cobertas de inúmeros formigueiros, ás vezes de seis ou oito pés de altura que, vistos de longe, parecem choças de barro. São formados pela formiga branca e como este inseto é o principal alimento do avestruz (*Rhes americana*) e do grande comedor de formiga, o tamanduá dos nativos (*Myrmecophaga jubata*), vimos muitos deles nos arredores dos formigueiros. Nas zonas de mata mais cerrada as árvores muito se assemelham às caatingas dos campos mimosos e, como estas, são decíduas na estação da seca (Gardner, 1942: 231-232).

Cerca de 30 milhas [aproximadamente 48 km] de Oeiras, o viajante descansou um dia na aldeia Algodões, de onde seguiu para a fazenda Pombas, encontrando em sua proximidade uma «grande lagoa de água doce» de 12 km de comprimento, «em quase toda a sua extensão é cercada por uma cinta de carnaubeiras», e repleta de vegetação aquática, jacarés e capivaras. O percurso o levou ao sítio Retiro Alegre, situado em um pequeno vale, «rodeado de altas colinas e abundante em buritis», onde encontrou um «pretinho» encarregado de conduzi-lo até a fazenda Genipapo, do capitão Valentim Pereira da Silva, proprietário de toda a região, incluindo outra fazenda visitada: Canavieiras (Gardner, 1942: 238).

Após a travessia do rio Gurgueia, Gardner (1942: 238) entrou no distrito de Uruçuí, onde toda a região, «com exceção das ribanceiras do rio, estava inteiramente seca, por falta de chuvas»; descansou na Fazenda dos Prazeres, situada em um «outeiro um tanto elevado, dentro de um grande vale, cuja extremidade superior é pantanosa e cheia de buritizeiros», de onde seguiu por 10 dias até a aldeia Raposa. A região que atravessara era

[...] uma planície geralmente árida, principalmente quando éramos obrigados a caminhar a distância do rio, porque suas margens são pela maior parte cobertas de matas, com árvores de jatobá, piqui, diversas espécies de *laurus* e grandes *bignonias*, que se acham nesta estação ornadas de suas vivas flores amarelas. Entre estas cresciam muitas trepadeiras, *baubínias*, *cambretums*, *bignonias*, *malpighias* e outras, cuja ramagem, coberta de variegadas flores, adornavam lindamente a copa frondosa das árvores.

Grandes e numerosas figueiras silvestres que cobrem a margem do rio serviam-nos frequentemente de abrigo, tanto de dia como de noite. Era sempre agradável viajar à sua sombra e tanto mais porque a região em torno só apresentava umas poucas árvores sem folhas e o solo, de um vermelho cor de tijolo, tinha sua vegetação rasteira quase destruída. Durante esta estação, o gado frequenta as margens do rio, em procura de água como de grama e outras ervas rasteiras que aí crescem mas no ano corrente estas haviam sido totalmente destruídas pela grande elevação das águas durante as chuvas anteriores, mais pesadas, ao que se dizia, que quaisquer outras havidas desde 1820. Pelos sinais deixados nos troncos das árvores podia-se perceber que as águas lodosas se haviam elevado dez pés acima do nível da estrada (Gardner, 1942: 238).

As descrições retratam uma paisagem marcada por contrastes, ainda mais diversificada, considerando as estações de chuva e de estiagem. Contudo, é fato que as condições naturais eram determinantes. Segundo o memorialista José Martins Pereira D'Alencastre (1857: 69),

[...] as fazendas de gado vacum estão situadas sobretudo nas fraldas de vários olhos d'água que delas nascem. Para que no sertão uma fazenda mereça o nome de boa, deve ser primeiro bem provida de água, porque sendo o Piauí sujeito a secas, como todos os altos sertões do Brasil, as fazendas com faltas de água são as primeiras que ficam despovoadas de seus gados.

Os contrastes do clima e seu impacto sobre a vegetação, os rebanhos e a vida dos sertanejos estão sintetizados no «Roteiro do Maranhão a Goiaz pela Capitania do Piauí» (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1900). O autor [supostamente João Pereira Caldas] assegura que no

[...] inverno, as chuvas que nunca vem sem horrorosas trovoadas e são ordinariamente de leste, principiam no mês de outubro, novembro ou dezembro, e acabam em abril. Neste tempo que os sertanejos só distinguem pelo tempo das águas, é a Capitania do Piauí fertilíssima: o seu terreno todo aberto com largos campos, e povoado de dispersos arvoredos aparece em bem poucos dias cobertos de folhas, de flores, e frutos, e frutos silvestres, com tal variedade na cor e tal diversidade na figura, que não só recrião a vista, e o olfato; mas também o gosto daqueles, que com eles são criados, ou a eles se acostumam. No mês de abril tanto que sopram de Leste os ventos gerais, param as águas, e principia o tempo, a que chamam de seca,

tempo, em que tudo se põe em decadência; e já em agosto, e setembro muita parte dos campos aparece sem erva, as árvores sem folhas; e se acontece não principiarem logo as águas, nos meses de outubro, novembro e dezembro, sofrem-se todas as calamidades da maior seca (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1900: 75).

Para a produção pastoril, tão importante quanto os cursos perenes de água eram os campos e suas pastagens. Os sertões do Piauí eram ricos em vegetações do tipo agreste e capim mimoso, que se adequavam à formação de pastos. As qualidades do capim mimoso apresentavam-se superiores ao criatório e permitiam uma maior produtividade do rebanho. Nestas áreas denominadas campos mimosos, ricas em boas pastagens, cresciam os melhores rebanhos. Estes campos foram os primeiros a sofrer os impactos do criatório extensivo, com uso intensivo da natureza e elevada concretração de terras e rebanhos. Uma das consequências materiais do processo foi a redução da capacidade produtiva a partir da segunda metade do século XIX. Para o engenheiro Gustavo Dodt (1981), em 1871, a causa era a ausência de um sistema racional de criação. Para ele, reinava uma

[...] rotina mais trivial possível, achando-se a criação quase entregue à revelia. Solta-se o gado, o vaqueiro olha às vezes para ele a fim de saber se há alguma rês com bicheiras e neste caso leva-a para o curral a aplicar um remédio, se ele não preferir por causa da sua preguiça e para evitar o trabalho de pegar a rês, a aplicação de uma simpatia estúpida, que eles chamam «curar pelo rasto» de cuja eficácia com toda razão se pode duvidar (Dodt, 1981: 48).

Para o referido engenheiro, a lavoura no estado do Piauí seguia tão mal quanto a pecuária. A causa para o atraso da agricultura não estaria nas intempéries naturais, que de certo influenciavam, mas não determinavam:

A causa verdadeira é outra e pode ser achada somente na indolência e preguiça da classe dos trabalhadores livres. A escravatura é tão insignificante, que seu produto não pode entrar na conta. A classe dos trabalhadores livres, porém, acha na caça, na pesca, nos frutos do mato tantos meios de subsistência que a necessidade não os obriga a trabalharem, e eles preferem ao bem-estar, que podiam obter por um trabalho regular, uma vida ociosa ainda que miserável, mendigando, furtando e caloteando aos proprietários, em cujas terras habitam (Dodt, 1981: 51).

Instituiu-se, assim, a partir de então, a preguiça como explicação para a pobreza do sertanejo e do estado do Piauí. As fortunas da elite agrária piauiense aparecem como frutos de dádiva celestial como as supostas riquezas da terra.

Referências

- ABREU, Capistrano (1960). *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, Rio de Janeiro, Liv. Briguiet.
- D'ALENCASTRE, José Martins Pereira (1857). «Memoria: chronológica, historica e corographica», *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, t. XX, v. 20, pp. 5-164.
- DODT, Gustavo Luiz Guilherme (1981). *Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi*, Belo Horizonte; São Paulo, Itatiaia; EdUsp.
- ENNES, Ernesto (1938). *As guerras nos Palmares: subsídios para sua história*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- GARDNER, George (1942). *Viagens no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- MAESTRI, Mário (1994). *Os senhores do litoral: conquista portuguesa e agonia Tupinambá no litoral brasileiro*, Porto Alegre, UFRGS.
- MARTINS, F. A. Oliveira (1944). *Um herói esquecido (Diário da viagem de regresso para o reino de João da Maia da Gama, e de inspecção das barras dos rios do Maranhão e das capitânicas do norte, em 1728)*, Lisboa, Agência Geral das Colônias.
- MARX, Karl (1984). *O capital*, São Paulo, Difel, lv. 1, v. I.
- MOTT, Luiz R. B. (1985). *Piauí colonial: população, economia e sociedade*, Teresina, Fundação Cultural do Piauí.
- NUNES, Odilon (1974). *Pesquisas para a história do Piauí*, Rio de Janeiro, Artenova.
- NUNES, Odilon (1972). *Os primeiros currais: geografia e história do Piauí seiscentista*, Teresina, Comepi.
- PITTA, Rocha (1950). *História da América portuguesa*, Rio de Janeiro, W. M. Jackson.
- PORTO, Carlos Eugênio (1974). *Roteiro do Piauí*, Rio de Janeiro, Artenova.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO
(1900). *Roteiro do Maranhão a Goiaz pela Capitania do Piauby*, t. LXII, pp.
60-161.

SPIX, Johann Baptist von y MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von (1938).
Viagem pelo Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.